

# ***Alianças e aliados fragilizados: os possíveis reflexos da eleição de Biden para os curdos na Síria***

Daniel Gualberto e João Pires Mattar

No dia 06 de outubro de 2019, o então presidente norte-americano Donald Trump surpreendeu o mundo ao anunciar a retirada precipitada das tropas estadunidenses que apoiavam os curdos no nordeste da Síria. Poucos dias depois, aconteceu o debate entre os candidatos à nomeação do Partido Democrata para corrida presidencial. Na ocasião, Joe Biden e Kamala Harris, até então rivais, condenaram a atitude do presidente republicano. O primeiro classificou a decisão como a “coisa mais vergonhosa que qualquer presidente já fez na história moderna em termos de política externa”, enquanto a segunda afirmou que, “mais uma vez, Donald Trump está rifando pessoas”, em referência aos aliados curdos que repentinamente ficaram sem a proteção norte-americana (BEINART, 2019, tradução livre).

Pouco mais de um ano depois, os democratas venceram Donald Trump na disputa pela Casa Branca. Neste meio tempo, os curdos foram alvos de ofensivas militares da Turquia e têm enfrentado dificuldades para manter presos os militantes do Estado Islâmico capturados. A troca de gestão animou lideranças curdas, que temiam uma retirada permanente dos Estados Unidos do território sírio (KAJJO, 2020). Esta análise busca delimitar como será a política externa da administração Biden para o conflito sírio, explorando, em particular, o seu engajamento com os curdos.

## **Histórico recente de relações Estados Unidos - Populações Curdas**

A história do povo curdo é marcada por aquela que talvez seja sua característica mais significativa: a de, na maioria das vezes, ver-se como uma minoria étnica nos países em que habita. Originários do território montanhoso nas fronteiras entre Iraque, Irã, Síria e Turquia — comumente chamado de Curdistão —, os Curdos foram e são alvos de violência física, simbólica e cultural por parte dos diferentes governos desses Estados

(MCDOWALL, 2007). No último século, os esforços curdos para combater essas opressões e conquistar maior autonomia administrativa, seja visando soluções separatistas ou não, concentraram-se principalmente na formação de partidos políticos e de organizações armadas.

Figura 1: Mapa da região onde a etnia curda historicamente habita (também chamada de Curdistão).



Fonte: Quem são os curdos e por que são atacados pela Turquia (2019).

Nesse contexto de luta política, a fundação do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK<sup>[1]</sup>), em 1978, e o embate armado que ele lançou contra o Estado Turco desde a década de 1980 foram imensamente influentes sobre a geopolítica da região. Por um lado, seu estilo de organização, os trabalhos teóricos do líder Abdullah Öcalan e a presença de membros do PKK inspiraram a fundação de organizações similares nos outros países que englobam o Curdistão (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016). Por outro, tais ligações com organizações curdas de países vizinhos e a classificação do partido como uma organização terrorista pela Turquia, EUA e outros, são usadas por Ancara como

[1] É habitual, no que concerne aos partidos curdos, que as siglas amplamente utilizadas sejam aquelas formadas a partir do nome em língua curda. Dessa maneira, PKK vem do nome curdo *Partiya Karkerên Kurdistanê*.

justificativa para incursões militares transfronteiriças (COOK, 2019).

É importante notar que, embora os estadunidenses acompanhem a Turquia em encarar o PKK como uma organização terrorista, isso não os impediu de fazer parcerias estratégicas com outros grupos curdos, mesmo que, por vezes, isso significasse contrariar os desejos dos turcos. Desde Gerald Ford até os dois presidentes Bush, os EUA apoiaram pontualmente, com equipamentos, suprimentos e inteligência, organizações curdas com o objetivo de prejudicar governos contra os quais os EUA estavam em combate (AZIZ, 2020). Na luta contra o Estado Islâmico (EI), os Curdos na Síria viram uma dinâmica parecida acontecer.

Em 2014, a administração de Obama revisou seu posicionamento acerca da guerra na Síria; se antes a participação era restrita a apoiar alguns grupos rebeldes, os ganhos significativos do EI naquele ano serviram como pretexto para um envolvimento mais direto dos Estados Unidos (KINGSLEY, 2019). Depois do presidente turco Erdogan se recusar a fazer parte da empreitada estadunidense, Washington decidiu apoiar, com o envio de 50 militares para auxiliar em planejamento, além de suprimentos e equipamento, as Unidades de Proteção Popular (YPG), grupo armado curdo que, incentivado pelos EUA para diminuir os receios turcos, uniu-se a agrupamentos de outras etnias para formar e liderar as Forças Democráticas Sírias (FDS) (COOK, 2019).

A parceria se mostrou bastante efetiva no combate ao EI. Importante salientar, ainda, que as tropas curdas, mesmo antes do suporte estadunidense, já desempenhavam importante papel para impedir o avanço do grupo e recuperar parte do território antes dominado por eles (ARANGO, 2015). Fazendo proveito dessas importantes vitórias e dos vácuos de poder que a guerra promoveu, os curdos sírios conseguiram autonomia política de facto na região norte da Síria – chamada por eles de Rojava – incluindo, nesse território, boa parte da fronteira com a Turquia (KINGSLEY, 2019). A tensão gerada por essa proximidade territorial foi agravada pelo fato de que Ancara vê o YPG como uma extensão do PKK (TURKEY..., 2019). Apesar de o grupo ter estruturas organizacionais próprias e negar intromissão direta do Partido em seu funcionamento, é amplamente

aceito que o PKK teve papel fundamental na fundação da organização e continua a exercer influência sobre ela (ALLSOPP, 2015).

Os EUA tentaram controlar a situação ao designar suas tropas para patrulhar a fronteira com a Turquia, uma ação que, depois, passou a ser feita em conjunto com tropas turcas (KINGSLEY, 2019). Neste período de presença estadunidense, no entanto, ainda houve momentos de embate mais direto, notadamente quando o exército turco deu apoio a uma investida de rebeldes sírios que acabou tirando do controle dos Curdos a parte noroeste da Síria, e, no processo, deslocando-os mais ao nordeste (TURKEY..., 2019).

O maior exemplo do receio turco com os ganhos territoriais dos curdos veio em 2019, quando as FDS reconquistaram o que seria uma das últimas áreas de controle do EI. A partir desse momento, Erdogan passou a defender mais intensamente a criação de uma “zona segura” na fronteira, alegando a necessidade de eliminar “ameaças terroristas” e de facilitar a volta de refugiados sírios ao país (TURKEY..., 2019). A princípio, a administração Trump concordou em diminuir a presença das FDS em uma parte determinada da fronteira. No entanto, em outubro daquele ano, Ancara anunciou que lançaria uma investida unilateral para estabelecer a zona segura que desejava. Após comunicação com Erdogan, Trump – que sempre se mostrou interessado em retirar tropas estadunidenses do Oriente Médio e acabar com as chamadas Guerras Sem Fim – anunciou a saída dos militares que cooperavam com as FDS (KINGSLEY, 2019).

A subsequente operação turca deslocou centenas de milhares de pessoas e a anuência dos EUA foi vista como uma traição aos curdos sírios. No jogo de forças da guerra na Síria, esse processo parece ter confirmado um distanciamento entre Turquia e EUA, sobre o qual já se alertava em 2015, pouco tempo depois da mudança de postura de Obama. (BAKER; COOPER; SANGER, 2015). Aproveitando-se disso, Moscou se aproximou de Ancara e se firmou como mediador mais influente do conflito, negociando o acordo que congelou a investida turca e delimitou novas regiões de controle na fronteira (TROIANOVSKI; KINGSLEY, 2019).

## **A eleição de 2020 e possíveis consequências para Rojava**

Joe Biden tem reiterado que sua política externa terá como um dos objetivos centrais recuperar a liderança estadunidense no mundo. Em um artigo publicado na *Foreign Affairs*, o presidente-eleito defende que os Estados Unidos assumam a vanguarda do “Mundo Livre”, cujo papel seria o de promover globalmente a democracia e liberdade (BIDEN, 2020). Assim, Biden promete retomar o apoio do país a parceiros “pró-democracia” na Síria, assim como revitalizar a coalizão internacional para derrotar o Estado Islâmico ( BIDEN, 2020b).

Por outro lado, o democrata defende o fim das “guerras infinitas” e a remoção de soldados norte-americanos do Oriente Médio e Afeganistão (BIDEN, 2020). Assim, ainda não está totalmente posta a estratégia geral do novo presidente para o Oriente Médio, isto é, se irá ou não dar seguimento ao desengajamento e retirada dos Estados Unidos da região, iniciada com Obama e com apogeu na gestão Trump (FALK, 2020). Vale lembrar que Joe Biden, apesar de compor o establishment de Washington, não se alinha ao intervencionismo tradicional que domina a política externa dos EUA. Durante o segundo mandato de Obama, o então vice-presidente se manteve muito reticente diante do envolvimento estadunidense na guerra civil síria, posição muito distinta daquela adotada pela ex-Secretária de Estado Hillary Clinton, que impulsionou o financiamento e apoio às forças de oposição ao regime Assad (DE PETRIS, 2020; PHILLIPS, 2020).

Ao defender a retirada de tropas norte-americanas, Joe Biden argumenta que há uma “diferença entre a mobilização indeterminada e em larga escala de dezenas de milhares de tropas norte-americanas” e “o uso de algumas centenas de forças especiais e recursos de inteligência para apoiar parceiros locais contra inimigos comuns” (BIDEN, p. 11, 2020, tradução nossa). Tudo isso indica que “a defesa do Mundo Livre” parece estar mais focalizada em ações de contraterrorismo do que na pressão por mudanças de regimes não alinhados aos Estados Unidos (PHILLIPS, 2020; FALK, 2020). Assim,

enquanto Trump assumia como completa a neutralização do Estado Islâmico, é provável que Biden vai renovar o apoio militar dos Estados Unidos ao combate ao grupo terrorista, apesar de não estender essa iniciativa a uma pressão maior sob o governo de Bashar al-Assad. (AYDINTASBAS et. al., 2020).

Considerando o papel das Forças Democráticas Sírias na contenção do Estado Islâmico e a boa credibilidade que desfrutam no Ocidente, assim como as sinalizações dada pelo democrata durante a campanha eleitoral, há motivos para o otimismo entre os curdos com a vitória de Joe Biden. Em entrevista à rede de notícias Al-Monitor, o líder curdo e comandante chefe das FDS, Mazlum Kobane, ponderou que as novas condições políticas não mais favorecem uma continuidade das ofensivas turcas contra Rojava e ressaltou que, com a retaguarda dos EUA, estaria disposto até mesmo a entrar em negociação com o Estado turco sem pré-condições. Kobane destacou que a confiança na nova administração deve-se a uma familiaridade já existente entre o novo mandatário e os curdos (KOBANE, 2020).

De fato, Joe Biden parece cultivar uma afinidade particular com a comunidade curda. Enquanto atuou no Comitê de Relações Exteriores do Senado, o democrata demonstrou especial preocupação com os curdos no contexto da Guerra do Iraque. Já durante a vice-presidência, Biden fez interlocução com os curdos sírios na construção da coalizão anti-EI, e se recusou denominar o grupo como organização terrorista, mesmo sob pressão da Turquia. Essa proximidade foi suficiente para o presidente turco, Recep Erdogan, classificar Biden como “pró-curdo” e, por conseguinte, “anti-turco” (ERDEMIR; KOWALSKI, 2020; MUSTAFAH, 2020).

As complexas relações com a Turquia se apresentam como o maior impedimento para uma revitalização das relações dos Estados Unidos com os curdos. A situação se deve à necessidade de Washington contar com um aliado confiável na Síria para mitigar a influência iraniana na região — nesse caso, os curdos — ao mesmo tempo que tenta não abalar a tradicional aliança com Ancara (AZIZ, 2020). Biden também tem reiterado, em sua retórica em favor dos ideais liberais democráticos, a importância de uma Organização

do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) forte e coesa na contenção da expansão russa, o que certamente passa por um entendimento com a Turquia, membro essencial da organização. A necessidade de manter uma relação pragmática com os turcos irá exigir de Biden uma postura muito cautelosa em relação à Rojava.

O cenário que parece estar se desenhando é uma continuidade da política externa de Trump para Síria, isto é, a manutenção das sanções sem um engajamento profundo para desestabilização do regime Assad, preservando um contingente estratégico de tropas dos EUA no nordeste sírio (fronteira com a Turquia). Provavelmente, a única inflexão que podemos esperar é uma dissuasão da agressão turca aos curdos após o período de total convivência durante Trump. Ainda assim, nada indica que será por meio de um aumento significativo da presença militar estadunidense na região ou pela aproximação expressiva junto a Rojava. Considerando o interesse dos curdos sírios em apaziguar as relações com Turquia e a disposição de Biden para assumir o protagonismo internacional, é possível que os Estados Unidos atuem como intermediador entre Rojava e Ancara.

## Referências

ALLSOPP, H. **The kurds of Syria: political parties and identity in the Middle East**. 2 ed. Londres e Nova Iorque: I.B. Tauris, 2015.

ARANGO, T. In liberated Kobani, Kurds take pride despite the devastation. **The New York Times**, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/02/02/world/middleeast/in-liberated-kobani-pride-despite-the-devastation.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

AZIZ, L. The Syrian Kurds in the US foreign policy: long-term strategy or tactical ploy? **Centre d'étude des crises et conflits internationaux**, Université catholique de Louvain, n. 66, jan. de 2020.

AYDINTASBAS, A.; BIANCO, C. DACEY, J. B.; DWORKIN, A.; GERANMAYEH, E.; LOVATT, H.; MEGARISI, T. How a Biden win could transform US policy in the Middle East and North Africa. **European Council of Foreign Relations**, 03 de nov. de 2020. Disponível em: <https://ecfr.eu/article/how-a-biden-win-could-transform-us-policy-in-the-middle-east/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BAKER, P.; COOPER, H.; SANGER, D. E. Obama sends special operations forces to help fight ISIS in Syria. **The New York Times**, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/10/31/world/obama-will-send-forces-to-syria-to-help-fight-the-islamic-state.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BIDEN, J. R. Why America Must Lead Again. **Foreign Affairs**, 2020. Disponível em: <http://www.deutsch-chinesisches-forum.de/images/thinktank/20201114/Why%20America%20Must%20Lead%20Again.pdf>. Acesso em: 23 de nov. de 2020

\_\_\_\_\_. Joe Biden and the Arab American community: a plan for partnership, 2020b. Disponível em: <https://joebiden.com/joe-biden-and-the-arab-american-community-a-plan-for-partnership/>. Acesso em: 23 de nov. de 2020.

COOK, S. There's always a next time to betray the Kurds. **Foreign Affairs**, 2019. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/10/11/kurds-betrayal-syria-erdogan-turkey-trump/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

DE PETRIS, D. R. Joe Biden on Syria: What would he do? **The National Interest**, 21 de set. de 2020. Disponível em: <https://nationalinterest.org/blog/skeptics/joe-biden-syria-what-would-he-do-169316>. Acesso em: 23 nov. 2020.

ERDEMIR, A.; KOWALSKI, P. Joe Biden will be America's most pro-Kurdish president. **Foundation for Defense of Democracies**, 16 de ago. de 2020. Disponível em: <https://www.fdd.org/analysis/2020/08/16/biden-will-be-most-pro-kurdish-president/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

FALK, T. Will Joe Biden alter US policy in the Middle East? **Al Jazeera**, 9 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/11/9/biden-expected-to-alter-the-regions-status-quo-analysis>. Acesso em: 23 nov. 2020.

KAJJO, S. Syrian Kurds optimistic about continued US support under Biden presidency. **VoaNews**, 11 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.voanews.com/extremism-watch/syrian-kurds-optimistic-about-continued-us-support-under-biden-presidency>. Acesso em: 24 nov. 2020.

KINGSLEY, P. Who are the kurds, and why is Turkey attacking them in Syria? **The New York Times**, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/10/14/world/middleeast/the-kurds-facts-history.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

KNAPP, M.; FLACH, A.; AYBOGA, E. **Revolution in Rojava: democratic autonomy and women's liberation in northern Syria**. Londres: Pluto Press, 2016.

KOBANE, M. Syrian Kurdish commander sees chance to ease tensions with Turkey under Biden. [Entrevista concedida a] Amberin Zaman. **Al-Monitor**, 09 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2020/11/syria-mazlum-kobane-sdf-mediate-pkk-us-election-biden-trump.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MCDOWALL, D. **A modern history of the kurds**. 3 ed. Londres e Nova Iorque: I.B. Tauris, 2007.

MUSTAFAH, R. Biden presidency brings hope for the Kurds. **Politics.co.uk**, 23 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.politics.co.uk/comment-analysis/2020/11/23/biden-presidency-brings-hope-for-the-kurds>. Acesso em: 23 nov. 2020.

PHILLIPS, C. Why Syria will be low on Biden's list of foreign policy priorities. **Middle East Eye**, 12 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/opinion/syria-us-biden-foreign-policy-priorities-low>. Acesso em: 23 nov. 2020.

QUEM são os curdos e por que são atacados pela Turquia. **BBC**, 12 out. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50012988>,. Acesso em: 7 dez. 2020.

TROIANOVSKI, A.; KINGSLEY, P. Putin and Erdogan announce plan for northeast Syria, bolstering russian influence. **The New York Times**, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/10/22/world/europe/erdogan-putin-syria-cease-fire.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

TURKEY v Syria's Kurds: the short, medium and long story. **BBC**, 23 out. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-49963649>. Acesso em: 24 nov. 2020.